

## Apresentação

### DOSSIÊ

## Natureza em nós: educações por entre florestas e rios

*Daniela Franco Carvalho<sup>1</sup>*

*Caroline Barroncas de Oliveira<sup>2</sup>*

*Mônica de Oliveira Costa<sup>3</sup>*

*Organizadoras*

O que toma nossos corpos em atravessamentos por entre florestas e rios?

Em imersões.

Em demoradas respirações úmidas.

Nesse dossiê desejamos compor teoricamente processos de vegetalização em fluidos aquosos. Pulsar de vidas em emaranhados vegetais que nos convocam a pensar e produzir educações em sensibilidades. Aqui, somos corpos que se tornam folha, barro, correnteza. Porque a floresta é vida, um pulsar de uma mistura cósmica (Coccia, 2018).

Não há exterioridade possível à vida que nos atravessa. A vida é sopro encantado. Assim, sopramos/disparamos... e reunimos dez textos sobre experimentações que dialogam com diferentes campos teóricos acerca de nossas existências singulares em assembleias multiespécies.

Nós em naturezas.

Um lembrete de que nunca estivemos fora.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4476-7903>. E-mail: [danielafranco@ufu.br](mailto:danielafranco@ufu.br).

<sup>2</sup> Doutora em Educação em Ciências e Matemática. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8430-2855>. E-mail: [cboliveira@uea.edu.br](mailto:cboliveira@uea.edu.br).

<sup>3</sup> Doutora. Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, Amazonas, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3771-3955>. E-mail: [mdcosta@uea.edu.br](mailto:mdcosta@uea.edu.br).

Em rompimentos de fronteiras de conhecimentos.

Redes de percepções aguçadas no silêncio da mata.

Nós em florestas.

Ciências deslocadas de laboratórios em barulhos de água corrente.

Saberes que brotam da terra.

Pensamentos que se fazem banzeiros.

O convite que deixamos aos leitores dos textos é a mesma disposição de quem entra na mata. Pois, ao entrar na mata fechada, o corpo transpira - como se dissolvesse. A camisa cola na pele, o ar pesa nos pulmões, pequenas gotas escorrem pelas costas antes mesmo que o pensamento organize a sensação. Não é só calor. É a umidade viva que nos envolve, como se atravessássemos o interior de uma respiração maior. A evaporação já não é rápida; o suor demora, insiste, permanece na pele como uma película que nos lembra que estamos dentro de uma atmosfera compartilhada. A floresta também transpira. Pelos estômatos das folhas, pela superfície escura do solo, pelo vapor que sobe invisível do húmus, ela exala água continuamente.

Viver é estar imerso na mesma mistura aérea que todos os seres produzem e respiram (Coccia, 2018)<sup>4</sup>.

Assim, nossa transpiração encontra a evapotranspiração da mata - pele e folha participando de um mesmo ciclo. Não há dentro e fora: há circulação. O suor que brota de nós responde à umidade que brota da floresta. Somos corpos atravessados pelo mesmo vapor, organismos suspensos na mesma matéria atmosférica. Somos feitos daquilo que circula. A água que sai pelos poros já foi rio, já foi seiva, já foi nuvem. Não existe um “nós” diante da natureza; há um nós-em-natureza, um nós-atmosfera, um nós-vapor - dissolvidos na mesma água que sobe, cai e retorna, compondo-nos.

Um nós-texto em floresteios!

Escutas atentas a quem somos em comunhão com tantos outros seres. Escritas que reconhecem que a palavra é território, pois “a floresta é viva, ela pensa e tem espírito” (Kopenawa; Albert, 2015, p. 75)<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> COCCIA, Emanuele. *A vida das plantas: uma metafísica da mistura*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

<sup>5</sup> KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

Uma coletânea híbrida que nos movimenta enquanto coletivo, em assembléias de vidas que se compõem no inusitado, naquilo que não esperamos.

Verbos que criam ações:

Aprender com a natureza a partir de práticas artísticas.

Pensar com jardins de formigas experienciando aprendizagens multiespécies.

Viver uma experiência sensorial em paisagens naturais feridas.

Problematizar a escrita da pesquisa indígena.

Investigar movimentos intensivos com o rio através da arte.

Ensinar ciências entre rios de criatividade e clareiras do conhecimento.

Emergir uma educação feita de banzeiros e floresteios.

Questionar - o que pode o corpo na composição: educações, floresta, terra e água?

Imaginar ideias para educações sensíveis por narrativas multiespécies.

Viajar e propor uma educação como experiência transdisciplinar de modos não humanos.

Escritas exaltantes de possibilidades outras por entre florestas e rios que nos compõem.

E para fechar o dossiê, apresentamos uma entrevista com a liderança indígena Vanda Witoto, que nos conta sobre o fazer perante o imponderável.

Uma riqueza infinita.

## Índice

Aprender com a natureza a partir de práticas artísticas: escolas da natureza e o potencial para o ensino básico no contexto de Portugal

*Domingos Loureiro*

*Sabina Couto*

Aprendizagens multiespécies com a floresta amazônica: pensar *com* jardins de formigas

*Isadora Teles Lopes*

*Shaula Máira Vicentini de Sampaio*

Corpo, natureza e multiespécies: uma perspectiva de ecologia profunda sobre a experiência sensorial em paisagens naturais feridas

*María Luz Ruiz Bañón*

*Melissa Fayad Milken*

Cosmografias: a escrita da pesquisa indígena

*Amilton Pelegrino de Mattos*

Ecosofia: movimentos intensivos com o rio

*Aionara Preis Gabriel*

*Elaine Schmidlin*

Entre rios de criatividade e clareiras do conhecimento: a arte de ensinar ciências na Floresta Amazônica

*Ana Maria Xavier da Silva Neta*

*Leandro Barreto Dutra*

*Mônica de Oliveira Costa*

Feito de banzeiros e floresteiros: educação em ciências imersiva na Amazônia

*Caroline Barroncas de Oliveira*

*Stivisson Menezes Correia*

*Hivina Dorzane Machado*

O que pode o corpo na composição: educações, floresta, terra e água?

*Monica Silva Aikawa*

*José Vicente de Souza Aguiar*

*Kelly Almeida de Oliveira*

Quatro ideias para pensar educações sensíveis por narrativas multiespécies

*Maria Carolina Alves*

*Marina Vargas Tomaz*

*Daniela Franco Carvalho*

Viagem à Vajucá: educação como experiência transdisciplinar de modos não humanos

*Déa Trancoso*

Entrevista

*Vanda Witoto*